

**UM BREVE PANORAMA SOBRE O CASO DA CAPOEIRA NO
CONTEXTO DE SALVADOR/BA (1890-1941): ALGUNS APONTAMENTOS
ACERCA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS ‘LAZERES POPULARES’¹**

Recebido em: 10/05/2012

Aceito em: 20/01/2013

Vinícius Thiago de Melo²
Walter Ude³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Este é um estudo histórico de revisão bibliográfica que aborda o processo de proibição/legalização da capoeira e de sua institucionalização que ocorreu entre 1890 e 1941 em Salvador/BA. Este trabalho se justifica por considerar que o contexto dos acontecimentos que envolvem esta manifestação cultural durante esta época pode revelar como se constituíram os *Grupos de Capoeira Angola e Regional*. Assim, procurou-se analisar o cenário histórico e as produções dos mestres Bimba e Pastinha por serem eles os fundadores dos estilos acima citados. Concluiu-se que a inauguração deste novo modelo constitui-se como meio de institucionalização de uma prática de lazer que estava fortemente associada à “vadiagem” e criminalidade, passando por uma conformação que aproxima o seu significado a um “bom lazer”, possibilitando assim, uma gradativa valorização social que culminou em sua legalização e expansão.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. História. Esportes

**A SHORT PANORAMA ABOUT THE CAPOEIRA’S CASE IN THE CONTEXT
OF SALVADOR/BA (1890 – 1941): SOME NOTES CONCERNING “POPULAR
LEISURE” INSTITUTIONALIZING**

ABSTRACT: This is a historical study of literature review that approach the prohibition / legalization process of capoeira and its institutionalization than occurred between 1890 and 1941 in Salvador / BA. This work is justified by considering that context of the events involving this practice during this period can reveal how were the

¹ Esta expressão se remete as práticas de lazer realizadas sem qualquer tipo de relação comercial entre os participantes, ou entre estes e terceiros (locatários de imóveis por ex.). Nesta perspectiva, utiliza-se o termo “lazer popular” para se referir à capoeira em um contexto de Salvador que compreende os anos de 1891 a 1940 aproximadamente, em que, é possível perceber que as ruas, praças e festas populares eram o palco principal para a sua expressão (COUTINHO, 1993; REGO, 1968), e seus adeptos não se organizavam com as formalizações institucionais que caracterizam esta prática na contemporaneidade.

² Mestrando em Lazer na UFMG, licenciado em Educação Física pela mesma universidade e professor de capoeira.

³ Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília, Brasil (2000), Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais e mestre de capoeira.

self constitute of groups of Capoeira *Angola* and *Regional*. So, we proposed to analyze the historical scenery and the productions of the masters Bimba and Pastinha because they are the organizers of the styles mentioned above. It was concluded that the opening of this new model of organization is constituted as a way of institutionalizing a practice of leisure that was strongly associated with the "vagrancy" and crime, passing to a conformation that approximates its meaning to a "good leisure", possibility thus, a gradual social valorize that culminated in its legalization and expansion.

KEYWORDS: Leisure Activities. History. Sports.

Introdução

Este artigo foi elaborado tendo como referência a epistemologia da complexidade. Esta teoria, elaborada por Edgar Morin, concebe o sujeito individual e social integrado a um sistema complexo de interações complementares e antagônicas. Assim, consideramos um conjunto de princípios e fundamentos teóricos que conduzem a novas formas de conceber o mundo, os sujeitos e a ciência. Sendo assim, para Morin (2007, p.13), a complexidade é

[...] um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno no múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.

Essa abordagem, que concebe o mundo como *fenomênico*, está fundamentada na idéia de que os fenômenos (sejam eles naturais ou sociais) que emergem da realidade constituem-se como sistemas complexos.

Nesta perspectiva, o lazer é entendido como um campo de estudos interdisciplinar que pode colaborar para compreensão da capoeira como fenômeno histórico cultural presente em distintos cenários sociais, os quais, em momentos históricos peculiares, são geradores de sentidos e significados diferenciados.

Consideramos, portanto, a capoeira e o lazer como fenômenos que se atravessam, às vezes análogos em alguns aspectos, podendo até serem confundidos em determinadas situações e contextos, mas que, no entanto, não podem ser associados displicentemente como sinônimos absolutos. Sendo assim, pretendo iniciar abordando estas temáticas e relacionando-as historicamente.

Refletindo Sobre a Dialógica Lazer e Trabalho na Capoeira

O desenvolvimento histórico da capoeira nos revela uma situação paradoxal. Sua origem remete à escravidão e à luta de emancipação do negro no sistema colonial que imperou até o fim do século XIX, onde esta prática era quase que restrita aos negros e pobres dos extratos mais baixos da sociedade (REGO, 1968). A perseguição dos capoeiras decretada pela primeira constituição da republicana do Brasil, de 1890, é um indicador representativo do valor social e político atribuído a esta manifestação cultural e seus adeptos. Por outro lado, na atualidade, a capoeira está presente em diversos contextos socioeconômicos e tem sido reconhecida como patrimônio cultural, esporte e educação por órgãos e documentos oficiais⁴. Assim, o que estava fortemente associado a um lazer negativo (violento, inútil, vagabundo) passou a ser relacionado a um bom lazer (que educa, diverte, desenvolve competências e capacidades). Há algum tempo, vem sendo incluída no currículo de programas e projetos de lazer do setor público e privado.

Os aspectos lúdicos presentes na roda de capoeira - a qual consiste em reunir pessoas em um conjunto de ações que envolvem produção musical, instrumental,

⁴ Entre os órgãos oficiais que reconhecem o valor social da capoeira podemos citar o registro de Patrimônio cultural imaterial cedido em 2008 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A inclusão da capoeira como conteúdo da disciplina Educação Física na escola em âmbito nacional pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e em outras instâncias de gerenciamento regionais e municipais como pode ser observado nos Conteúdos Básicos Comuns (Educação Física) da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e nas Proposições curriculares da Educação Física do município de Belo Horizonte.

expressão e diálogo corporal (jogo da capoeira), expressão através dos cantos e etc. – contribuem para que este fenômeno seja fortemente associado a uma “atividade desinteressada”, como mero divertimento.

Em outra perspectiva, ao analisar a estrutura organizacional desta manifestação cultural na atualidade – que se dá basicamente pelos *Grupos de Capoeira*⁵ – é possível verificar que esta atividade também apresenta um caráter profissionalizante; ou seja, muitos procedimentos e posturas são orientados sobre a lógica do trabalho. Isto pode ser percebido quando analisamos a forma como são instituídas as hierarquias, seja com cordel (símbolo material; típico da Regional) ou sem cordel (simbolizado oralmente; típico dos angoleiros), em que, os níveis de aprendizagem estabelecidos sempre apontam para uma formação profissional (Instrutor, Monitor, Estagiário, Professor, Treinel, Mestre), o que implica em fortes exigências e obrigações para seus praticantes.

Esta mesma tensão entre trabalho e lazer foi identificada por Groppo (1998), quando abordou o tema da contracultura (“uma série de movimentos sócio-culturais da juventude”) em suas inter-relações com a dinâmica do lazer moderno. Segundo o autor, este último possui “natureza contraditória e dialética” (p.63). Em síntese, ele argumenta que o fenômeno do lazer na sociedade possui, simultaneamente, um potencial libertador (constituindo-se como um tempo que contém caráter humanizador, onde podem ser reivindicadas relações sociais diferentes daquelas estabelecidas no mercado de consumo e no trabalho) e mantenedor da ordem capitalista (em que o tempo de lazer interessa ao

⁵ A prática da capoeira na atualidade tem sido organizada pela lógica dos “*grupos de capoeira*”, que são instituições – com ou sem formalização legal – que reúnem praticantes desta modalidade. Normalmente, quem financia estas organizações são os próprios praticantes que pagam mensalidades para freqüentarem as aulas. Estas mensalidades são administradas pelo fundador do grupo (mestre) responsável por manter o espaço físico (academia, salão), além de instituir hierarquias, normas de conduta, organizar eventos e ter uma “certa autoridade” para com os demais integrantes.

sistema econômico vigente como um momento do consumo de mercadorias e reposição das forças de trabalho).

Nesta perspectiva, para a compreensão destes fenômenos em suas inter-relações é necessário reconhecer a ambigüidade e contradições que ambos podem comportar. Há de se considerar que as noções de lazer que fazem oposição ao trabalho como atividade “desinteressada”⁶ não ajudam muito na compreensão desta prática em sua dinâmica histórico cultural. Para este entendimento é necessário situar o movimento histórico de afirmação social e expansão territorial desta prática, bem como as estratégias de organização dos protagonistas deste processo.

Sendo assim, neste artigo pretendemos abordar o processo de surgimento do modelo de organização dos *Grupos de Capoeira Angola e Regional*. Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico sobre o processo de *Proibição/legalização*⁷ da capoeira que se deu durante os anos de 1890 a 1941 na cidade de Salvador/BA.

Esta escolha foi motivada por considerar que neste período esta modalidade era orientada por um “campo de experiência” muito específico, fundado na cultura afro-brasileira do contexto pós-abolicionista. Em decorrência disso estava restrita aos negros das classes subalternas da capital baiana, constituindo-se como um lazer popular. É neste cenário, que se concentram as produções culturais dos mestres Bimba e Pastinha, os organizadores dos estilos *Regional* e *Angola* respectivamente. Em suma, estes mestres foram os primeiros a “fundarem” suas academias de capoeira, oferecendo aulas (treinos) abertas ao público.

⁶ Joffre Dumazedier (2008), sociólogo Francês que influenciou fortemente o desenvolvimento do campo de estudos do lazer no Brasil, abordou o fenômeno em uma perspectiva de oposição ao trabalho, onde apresenta um sistema de caracteres que considerou “propriedades específicas e constitutivas do lazer” (p.94). Este autor, quando desenvolve a idéia de *caráter desinteressado do lazer* diz que “no lazer, o jogo, a atividade física, artística, intelectual ou social não se acham a serviço de bem material ou social algum[...]” (p.95).

⁷ Em 1891 a capoeira foi incluída no código penal brasileiro, permanecendo como prática ilegal até 1941 com a promulgação do novo Código Penal através do Decreto-Lei nº 3688.

Este novo contexto se distancia do anterior não só pelas experimentações que esta prática passa a ensejar como possibilidade de trabalho e lazer, mas também pelo decorrente aparecimento de praticantes – entre eles alguns dos futuros difusores - oriundos de outras classes sociais, os quais trazem/carregam consigo um conjunto de experiências que passam a interagir com o campo da “cultura popular” em uma relação dialética de antagonismo e complementaridade em busca de legitimidade, tanto para os indivíduos quanto para suas produções culturais.

Portanto, nos apoiamos no conceito de *circularidade cultural*⁸, o qual se refere à dinâmica circular das “trocas” que surgem no contato entre culturas de matrizes diferentes, para compreender como estas tradições são inventadas e reinventadas pelos sujeitos e grupos em suas inter-relações.

Alguns Apontamentos Acerca da Institucionalização da Capoeira de Rua

Estudos como os de Letícia Reis (1993); Liberac Pires (2001); Paula Silva (2002) demonstram que, apesar das diferenciações e oposições entre *Angola* e *Regional*⁹, o surgimento de ambos os estilos está associado com os processos de institucionalização dos lazeres populares impulsionados pela política nacionalista do governo de Getúlio Vargas e também pelas atuações dos mestres Bimba (Manoel dos Reis Machado, 1900-1974) e Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha, 1889-1981) que se deu, principalmente, entre 1920 e 1930.

⁸ “[...] em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo “circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo (exatamente o oposto, portanto, do “conceito de absoluta autonomia e continuidade da cultura camponesa”. (GINZBURG, 1987, p.13)

⁹ Normalmente os *Grupos de Capoeira* se identificam com os estilos Angola ou Regional.

A institucionalização dos lazeres populares foi problematizada por Sant'Anna (1994, p.20) chamando atenção para o fato de que “o lazer é tratado como a negação do erro, do ócio, ou ainda como o ‘negócio’ capaz de excluí-lo ou de tratá-lo. Este tratamento implica a integração do ócio numa ordem moral, racional e economicamente útil”.

Nesta direção, Fernando Mascarenhas (2004) critica algumas concepções funcionalistas que tendem a julgar, selecionar e até eleger aqueles lazeres que possuem maior engajamento com a esfera produtiva.

Se, em outro contexto da história, as práticas mais comuns entre os trabalhadores no tempo livre passavam despercebidas pelas instâncias de poder e tinham no ócio o seu refúgio, há algum tempo, diferentemente, estão rigorosamente submetidas ao controle e interferência da administração pública e do setor privado, que, pejorativamente, associam o ócio aos vícios da vagabundagem, inutilidade, preguiça e vadiagem. Isso significa dizer que, se o trabalhador não está trabalhando em seu tempo livre, não está na escola, igreja ou com a família, nada de conversas no botequim, rodas de samba, arruaças e cachaça. O que resta fazer – o que é lícito e permitido – é entregar-se prazerosamente às atividades de lazer. Assim, diversas são as iniciativas que surgem tendo como foco de preocupação a melhor forma de lazer. Cogitam-se o espaço e o lugar ideal para sua prática, questionam-se as funções sociais que podem ser cumpridas e formulam-se as políticas para o setor. Desse modo, o lazer passa a merecer maior atenção de estudiosos das diferentes áreas do conhecimento. Trata-se de fazer com que o tempo livre, em sua totalidade, responda ao conjunto das demandas colocadas pela esfera produtiva.” (MASCARENHAS, 2004, p.21).

Desse modo, por meio de uma análise mais aprofundada sobre o contexto de surgimento dos estilos *Angola* e *Regional* será possível perceber que a atuação de seus fundadores demonstra o interesse em deslocar o significado social da capoeira que, naquele período, estava fortemente associada com a criminalidade, a violência e aos “vícios da vagabundagem”. Pode-se dizer que a principal estratégia utilizada para isto foram as insistentes associações entre capoeira, Educação Física e Esporte. Sendo assim, no próximo item, procuraremos detalhar melhor a participação dos fundadores destes estilos no processo de institucionalização da capoeira.

A Capoeira no Contexto de Salvador/BA (1890-1941)

O trabalho de Araújo (2005) “Capoeira: um nome uma origem” contém reflexões muito fecundas sobre o significado da palavra capoeira no contexto do período imperial e da recente república. Tentaremos, portanto, explorar suas idéias relacionando-as com outras fontes históricas e bibliografias.

Na atualidade, a palavra capoeira tem um significado muito relacionado com seu aspecto de atividade físico-esportiva, ritualístico, como divertimento e lazer. No entanto, ao focar a atenção sobre os significados desta mesma palavra no contexto brasileiro do século XIX¹⁰ e nas primeiras décadas do século XX, é possível perceber que esta não se prestava à denominação de uma prática ritualística unicamente – parece-nos que seu sentido mais difundido não tivesse a função de designar apenas um ritual de lazer -, mas, principalmente, um estereótipo criminoso.

Ao estudar as inter-relações entre o pensamento e a fala Vigotsky (1991) revela que o significado – aspecto intrínseco da palavra – é a unidade do pensamento verbal, ou seja, o pensamento e a linguagem se unem para a produção de significados. Em suas análises por *unidades* considera que as funções intelectuais da linguagem são indissociáveis da sua função primordial de comunicação e intercâmbio social. Nesta perspectiva adotamos como referência teórica os postulados do autor supracitado acerca do significado das palavras e suas evoluções históricas

Uma palavra não se refere a um objeto isolado, mas a um grupo ou classe de objetos: portanto, cada palavra já é uma generalização [...] a verdadeira comunicação humana

¹⁰ SOARES (2004) levantou uma série de arquivos policiais do século XIX no Rio de Janeiro. Neste trabalho é possível perceber que a palavra capoeira, presente nestes documentos, na maioria das vezes parece se remeter a um tipo social e não a uma prática de lazer. Há indícios de que os indivíduos mencionados nos documentos, apesar de serem identificados como capoeiras, não serem efetivamente praticantes do ritual de lazer. Sendo assim, o autor não considerou a hipótese de que o sentido da palavra capoeira neste contexto estivesse mais associado à criminalidade do que ao ritual da roda de capoeira propriamente dito.

pressupõe uma atitude generalizante, que constitui um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra (p.4-5)

Na evolução histórica da linguagem, a própria estrutura do significado e a sua natureza psicológica também mudam. A partir das generalizações primitivas, o pensamento verbal eleva-se ao nível dos conceitos mais abstratos. Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra (p.105)

Em sua análise acerca da linguagem e da comunicação discursiva (escrita e fala)

Mikhail Bakhtin (2010) também colabora para a compreensão da relação da palavra com seus contextos e significados

Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, lexicográfica. Costumamos tira-las de outros enunciados e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente, selecionamos palavras segundo a sua especificação de gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica a ele inerente. No gênero a palavra ganha certa expressão típica. Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos significados das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas. Daí a possibilidade das expressões típicas que parecem sobrepor-se às palavras. Essa expressividade típica do gênero não pertence, evidentemente, à palavra enquanto unidade da língua, não faz parte do seu significado mas reflete apenas a relação da palavra e do seu significado com o gênero, isto é, enunciados típicos.” (p.292-293)

Tomando a análise nesta perspectiva é possível perceber, em muitos documentos como o código penal de 1890 e em arquivos criminais do século XIX do Rio de Janeiro apresentados por Soares (2004), a presença do artigo “o” ao invés do “a” para se referir a capoeira. Assim, o emprego do artigo “o” remete a um tipo social: “o capoeira”, e não a um ritual de lazer: “a roda de capoeira”.

O termo capoeira, portanto, se prestava à identificação do “inimigo social”, o que demandava um significado de ampla abrangência sobre seu perfil. Assim, tal palavra se associava não só aos atos criminais em si, mas também ao conjunto de práticas cotidianas, dentre elas os divertimentos, a “vadiação” e até mesmo às indumentárias que podiam caracterizar tais indivíduos.

Neste sentido, propomos uma análise mais cuidadosa sobre os documentos históricos que contém a palavra capoeira. A nossa proposta está fundada na idéia de que os enunciados são a “real unidade da comunicação discursiva” (BAKTIN, 2010, p.274), ou seja, todo discurso (escrito e falado) existe na forma de enunciações onde as palavras e orações só adquirem direcionamento real no todo de um enunciado concreto (Ibdem, p.306). Assim, os enunciados presentes em tais documentos, como no *código penal dos Estados Unidos do Brasil* instituído pelo decreto número 847 em 1890, podem revelar que esta não se prestava objetivamente à proibição do ritual de lazer da capoeira, mas, sobretudo, servia para anunciar o combate e perseguição de um tipo social que representava ameaça à ordem urbana.

Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal (REGO, 1968, p. 292).

A começar pelo anúncio “Dos vadios e capoeiras” percebemos que este capítulo seja dedicado à perseguição destes indivíduos. O termo “vadio” - que está relacionado à “ocioso”, “vagabundo” - refere-se a atividades consideradas improdutivas e maléficas, podendo tanto serem os divertimentos como também o consumo de bebidas alcoólicas que se associavam ao estereótipo de uma vida marginal propícia à criminalidade.

Também é possível perceber que não há de fato uma definição fechada sobre o que sejam ou como se manifestem os chamados “exercícios de agilidade e destreza corporal”. O conjunto léxico-semântico utilizado nesta expressão indica a existência de algo relacionado ao campo das atividades físicas e esportivas. No entanto, as definições subsequentes ao termo “capoeiragem” referem-se ao campo das atividades de

transgressão da ordem, de agressões físicas e à formação de grupos “marginais”. Assim, percebe-se que o significado da capoeira naquele contexto comporta uma dualidade entre atividade(s) físico-esportiva(s) (jogo ou roda) e atividades de transgressão (atos criminais) revelando o aspecto generalizante deste conceito.

Também não se pode ignorar o fato de que naquele ambiente a “agilidade e destreza corporal” – que também inclui habilidades de manuseio de armas “brancas” - tinham função determinante para uma carreira criminal, visto que as armas de fogo não eram muito difundidas ainda. Esta situação justifica, em parte talvez, as recorrentes coincidências entre praticantes do jogo e praticantes de atos criminosos. Esta coincidência está mais explicitada no artigo 404 do mesmo decreto de 1890.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes (REGO, 1968, p.292).

Assim, a definição de “capoeiragem” no artigo 402, definitivamente, tinha uma abrangência que vai muito além do que a proibição de uma prática específica de lazer popular. Isto quer dizer que, o termo capoeira, o qual se apresenta em inúmeros arquivos policiais do período Colonial, nem sempre, refere-se diretamente a um praticante do jogo/ritual. Nesse sentido, para ser considerado um capoeira no século XIX bastava se envolver com a criminalidade, sendo que, o fato de participar do jogo/luta era apenas uma característica que se associava a um estereótipo criminal que servia para auxiliar na identificação dos sujeitos que representavam ameaça social.

Também podemos pensar que muitos praticantes do jogo/ritual não apareçam nos registros policiais por não terem se aderido à criminalidade, apesar de terem convivido com ela nas rodas de rua (nos encontros com os sujeitos que se dedicavam tanto à prática criminal como do ritual da roda de capoeira).

Os mestres Bimba e Pastinha se enquadram neste último caso. Baianos, nascidos e criados em Salvador, no contexto pós-abolicionista e da recente república que, em sua primeira constituição de 1890 determinava a perseguição dos capoeiras e, conseqüentemente, do jogo/ritual da capoeira.

De fato, ambos participavam da capoeiragem das ruas de Salvador, no entanto, não há indícios que tivessem algum tipo de envolvimento com qualquer atividade criminosa, embora, em seus relatos costumavam reconhecer a presença destes e, inclusive, ambos eram enfáticos em criticar suas atitudes e comportamentos que prejudicavam os adeptos do jogo de “boa índole”.

Seus discursos tinham um cunho moralizador da prática. Perceberam que, para efetivação de seus projetos com seus conhecimentos populares era necessário desassociar a prática do jogo ritual da prática criminal. A primeira solução que encontraram foi de retirá-la das ruas, o que implicaria a sua regulamentação e “moralização”. Nesse aspecto, Pires (2002) em estudo biográfico relativo ao mestre Bimba concluiu que:

Mestre Bimba apreende os discursos da repressão, assume-os e reconhece existir, ou ter existido, um grupo “marginal”, possível de ser enquadrado em um campo de negação ao trabalho e, rompendo com esse grupo, inventa a capoeira Regional voltada para estudantes e trabalhadores (PIRES, 2002, p.39).

Vale ressaltar que a apresentação da carteira de trabalho ou de estudante era obrigatória para a inscrição na academia. De fato, esta postura de restringir a participação dos “vadios” se soma ao estatuto de duas instituições de significativo reconhecimento social: a Educação Física e o Esporte. O regulamento afixado na parede da academia de mestre Bimba expressa bem as suas estratégias de legitimação.

Este regulamento foi elaborado para você e em seu benefício. “Lembre-se que você irá praticar Educação Física e adquirir preparo físico básico, mola mestra para a prática eficiente de qualquer esporte”. [...]Deixe de fumar. Deixe de beber. O uso do álcool prejudica o metabolismo muscular.[...] (REGO, 1968, p.284).

Ao analisarmos os discursos do mestre Pastinha será possível perceber que sua postura diante da associação entre capoeira e criminalidade não difere muito de seu conterrâneo Bimba. As referências à instituição esportiva também são recorrentes em seus manuscritos, como pode ser encontrado no trabalho de Pires (2002, p.65).

Não vai muito longe o tempo em que a capoeira sofria séria repressão por parte das autoridades policiais que não visavam, evidentemente, terminar com a capoeira mas, evitar que indivíduos de mau caráter dela se valessem para a prática de agressões e desordens[...] felizmente esses capoeiristas desordeiros constituíam uma pequena parcela e mereceram uma violenta repressão policial [...] com franqueza, já é tempo de zelar pelo esporte. O propósito meu não era fazer-me melhor do que os camaradas, sim valorizar o esporte (PASTINHA,1988, p.22).
A tendência atual é considerar a Capoeira Angola como a modalidade nacional de luta o que, honrosamente, a coloca em posição privilegiada, valendo como uma consagração definitiva desta modalidade esportiva (Idem, 1988, p.23).

Apesar de não fazer menção direta à disciplina Educação Física mestre Pastinha utiliza-se de argumentos que tentam ampliar o entendimento sobre a modalidade para além da idéia de luta como “defesa pessoal”, ressaltando os benefícios que esta prática tem para o corpo e a saúde.

Acreditamos não estar longe o dia em que as academias de Capoeira Angola serão procuradas por uma imensa legião de pessoas, não exclusivamente, como meio de defesa pessoal, mas, ainda, como um magnífico meio de manter um perfeito estado físico e prolongar a juventude. (PASTINHA, 1988, p.23)

O capoeirista deve ter em mente que a Capoeira não visa, exclusivamente, preparar o indivíduo para o ataque ou defesa contra uma agressão, mas desenvolver, ainda, por meio de exercícios físicos e mentais um verdadeiro estado de equilíbrio psico-físico, fazendo do capoeirista um autêntico desportista [...] (Idem, p.25)

Naquele momento histórico, ficava evidente que ambos estavam dispostos a romper com o modelo de organização da capoeira que, por ter as ruas e praças como seu palco principal estava sujeita à presença de “indivíduos de mau caráter”. Esses empreendimentos podem ser entendidos como tentativas de deslocar o significado da

palavra capoeira por meio da valorização de seus aspectos lúdicos, terapêuticos e ginásticos - expressos pelas insistentes associações entre capoeira, esporte e lazer - em detrimento dos aspectos “nocivos” tão presentes na promiscuidade das ruas. Em seu “ensaio sócio-etnográfico” sobre a capoeira de Salvador Waldeloir Rego (1968, p.282) colabora com este entendimento

Outrora não havia Academia de Capoeira. Havia mestre e discípulo, porém a sede do aprendizado era o terreiro em frente ao boteco de cachaça, quitanda ou casa de sopapo onde moravam. Academia de Capoeira, estruturada e assim chamada é coisa recente, datando dos princípios da década de 1930 ao presente momento.

A crítica à prática da capoeira nas ruas pode ser considerada um importante ponto de concordância entre os fundadores da *Angola e Regional*. Esta postura diante do passado da capoeira pode ser considerada como condição para se introduzir novos padrões de comportamento e referência para a prática desta modalidade.

Associado à ruptura com modelo antigo ocorrem diferentes sistematizações - *Angola e Regional* - deste conhecimento proveniente das ruas. Apesar das diferenças no processo de ressignificação destes saberes populares, há de se entender que ambos se caracterizam por inaugurar um novo modelo de organização da prática que consiste em um conjunto de práticas associadas, das quais, em alguns casos, antes não existiam.

Não por acaso, o *treinamento* (termo fortemente relacionado ao esporte e Educação Física), que possui estreitas relações com a instituição esportiva, começa a aparecer no período abordado por este estudo. No mesmo regulamento afixado na academia de mestre Bimba consta a seguinte orientação: “*Evite conversa durante o treino. Você está pagando pelo tempo que passa na academia e observando os outros lutadores, aprenderá mais*” (REGO, 1968, p.284).

Aqui, o termo *treino*, aparece em associação ao processo de aprendizagem da capoeira. Vale ressaltar que este conceito está relacionado à antecipação de uma situação futura, procedimento típico de uma mentalidade racional que pretende ser previsível e valoriza a regularidade da prática em modelos quantitativos, muitas vezes obcecados por uma “eficiência técnica” (VIEIRA, 1998).

Há de se entender, portanto, que a escolha e o uso demasiado do termo *treinamento* como condição para o aprendizado não é aleatória. Esta opção possui também a função de romper com um processo de aprendizagem baseado na educação social, a qual se dava por “oitiva¹¹” e se caracterizava pela falta de regularidades sobre os tempos e locais de prática. Esta informalidade na transmissão cultural poderia ser considerada como uma barreira para comercialização da relação de ensino aprendizagem da capoeira. Entretanto, estes obstáculos foram rompidos pelo surgimento dos estilos *Angola e Regional*.

Sendo assim, o termo *treinamento* na capoeira, pode significar o aparecimento de uma nova prática que, apesar de aparentar existir exclusivamente em função do ensino aprendizagem do jogo/ritual, possui certa autonomia e independência em alguns contextos, se afirmando, principalmente, por sua consonância com o modelo capitalista de comercialização dos conhecimentos culturais¹².

Esta mercantilização não deve ser entendida – pelo menos para o período abordado - em um sentido exclusivamente empreendedor. Não há indícios de que os mestres em questão tivessem a ambição de criar um modelo empresarial para a prática

¹¹ Oitiva era, segundo relatos, o método de aprendizagem da capoeira no período da ilegalidade. Este método consistia na observação. REGO, 1968.

¹² Neuber Leite Costa em sua dissertação de Mestrado “Capoeira, trabalho e educação” (2007), aborda questões relativas à inserção da capoeira no mercado do trabalho e de produtos. O referido autor observou que “hoje, grande parte do trabalho com essa manifestação é constituído sobre a lógica do privado. Não somente as lições são vendidas, mas também graduações, vestimentas, palestras, instrumentos, livros, revistas, vídeos, cd’s, utensílios diversos, shows, e até a presença em determinado local de alguns mestres renomados é comerciável” (p.103).

da capoeira - por mais que isto venha a ter acontecido posteriormente¹³ - mas fizeram suas escolhas, sobretudo, para que tivessem condições de realizar e transmitir suas produções culturais, aqui entendidos como a sistematização/reconstrução do conhecimento popular.

A condição de existência destes ícones da memória coletiva na capoeira afirma esta compreensão, de modo que, apesar da grande fama que tiveram ainda em vida, ambos faleceram em situação de pobreza (PIRES, 2002).

Considerações Finais

Reconhecemos que, nos limites deste artigo, não será possível chegar a um entendimento aprofundado sobre as “velhas” e “novas” práticas que tenham sido incluídas ou excluídas, ou como se revestem de “modernas” ou “tradicionais”, – apesar de considerar este trabalho imprescindível para o avanço acerca do tema – mas, ao menos, foram efetuados alguns apontamentos sobre a necessidade de tratar com mais cuidado as categorias *Capoeira Regional* ou *Capoeira Angola*.

Em sua observação metodológica, Koselleck (2006) defende a idéia de que a história se expressa pelas categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Para o autor estas categorias entrelaçam passado e futuro. “A experiência é o ‘passado atual’, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados” (idem, p.309). Já a expectativa é o “futuro presente”, voltado para o ainda não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Nesta abordagem o autor reconhece a tensão entre estas categorias e afirma que “o que estende o horizonte

¹³ LUCE (2007) analisou o estatuto social de dois “grupos de capoeira” sendo um de Angola e o outro de Regional. É possível perceber que em ambos os documentos estão explícitas as finalidades de expansão da capoeira justificado pela importância de se “difundir a cultura brasileira”. O modelo de organização adotado coincide com o padrão empresarial de matriz-franquia.

de expectativa é o campo de experiência aberto para o futuro. As experiências liberam os prognósticos e os orientam” (ibidem, p.312).

Inspirados nestas idéias percebemos que os acontecimentos que envolvem o referido período histórico de surgimento do modelo institucionalizado de organização da prática da capoeira, que tiveram como principais protagonistas os mestres Bimba e Pastinha, foram determinantes e preponderantes na futura constituição dos *Grupos de Capoeira* dos quais temos conhecimento na atualidade. A introdução deste novo paradigma significou um novo “campo de experiências” que, por sua vez, implicou um novo “horizonte de expectativas”.

Se considerarmos a estreita relação entre as novas configurações da capoeira com o “campo de experiências” próprio dos esportes institucionalizados e da Educação Física¹⁴ poderemos perceber que as expectativas que orientam o desenvolvimento histórico de muitos *Grupos de Capoeira* aproximam-se do ideário neo-liberal que orienta o sistema da indústria do lazer, o qual valoriza, indiscriminadamente, a expansão, massificação e homogeneização de determinadas práticas de lazer.

Sendo assim, com a legalização da capoeira em 1941, inicia-se um longo e complexo processo de formação de um modelo de organização que, no início, se dá principalmente sobre o processo de ensino aprendizagem, mas que, em alguns casos, se expande a partir de fórmulas mais sofisticadas de comercialização, passando a interagir no mercado nacional e internacional¹⁵.

¹⁴ Os trabalhos de Silva (2002) e Costa (2007) ajudam a entender a teia de relações que se estabelecem entre a Capoeira e a Educação Física em seus percursos históricos, bem como as influências que esta última exerceu sobre o processo de desenvolvimento histórico da primeira.

¹⁵ Falcão (2006) ao estudar “o processo de globalização da capoeira a partir de experiências com esta modalidade em seis países da Europa percebeu que o processo de mundialização do capital não elimina ‘símbolos tradicionais’, mas incide sob suas formas de tratamento e explicita a heterogeneidade e a diversidade cultural que caracterizam as sociedades complexas”

Portanto, para compreensão desta manifestação cultural na atualidade, sugerimos pesquisas que ajudem a desvendar o processo de desenvolvimento destes *Grupos*, *Mega-grupos* e *Micro-grupos*, as estratégias de seus líderes, as relações hierárquicas e de poder que são estabelecidas, as relações com as instituições públicas e privadas, as relações de lazer-trabalho entre os integrantes (mestre/professores), os vínculos da prática concreta e do discurso com o passado da mesma.

Nesta direção, acreditamos que, conhecer melhor este modelo de organização na especificidade de seus contextos histórico-culturais é uma contribuição muito importante tanto para melhorar o entendimento sobre a capoeira, como para se pensar/repensar o paradigma que tem orientado esta prática na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Paulo Coelho. **Capoeira: um nome uma origem**. Juiz de Fora: Notas e Letras, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- COSTA, Neuber Leite. **Capoeira, Trabalho e Educação**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação Universidade Federal da Bahia, 2007.
- COUTINHO, Daniel. **Os Manuscritos de Mestre Noronha**. Brasília: CIDOCA/DF, 1993.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2008.
- FALCÃO, J. L. C. O Jogo da Capoeira em Jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 2, p. 59-74, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GROPPO, Luís Antonio. Contracultura, juventude e lazer. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.1, set., 1998.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LUCE, Patrícia Campos. **Entre a vadiagem e a academia:** o local e o global na capoeira em belo horizonte. Monografia (Especialização) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Contagem, 2007.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade:** uma proposta educativa para a juventude. 2. ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 3. ed. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola Mestre Pastinha.** 3. ed. Salvador: Fundação cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio L. C. S. **Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá:** três personagens da capoeira baiana. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

REIS, Letícia V.S. **Negros e Brancos no jogo da capoeira:** a reinvenção da tradição. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esportes, 1993.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola:** Ensaio Sócio Etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O prazer justificado:** história e lazer (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

SOARES, Carlos E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).** 2. ed. Campinas: editora da Unicamp, 2004.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira:** Corpo e Cultura Popular no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Tradução: Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Endereço dos Autores:

Vinícius Thiago de Melo
Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Estudos do Lazer
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG - 31270-901
Endereço Eletrônico: viniciusthiagom@yahoo.com.br

Walter Ude
Faculdade de Educação da UFMG
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 - Pampulha
Belo Horizonte – MG - 31270-901
Endereço Eletrônico: walterude@fae.ufmg.br